



Família, foto de Gregori Warcharchik



## Porque o povo é arquiteto?

Os pobres são arquitetos porque não têm as idéias extravagantes dos ricos a respeito da casa. O pobre sabe quanto custa uma parede lisa; o rico pensa em como completar uma parede lisa. O estado de espírito é, pois, diferente desde as bases, e origina dois produtos totalmente diferentes; no primeiro caso: simplicidade, racionalidade, construtura lógica; no segundo caso: complicação, irracionalidade, construtura viciada de decorações (não queremos naturalmente a acusação de sermos contra a decoração; no entanto, somos decididamente contra certa decoração. A casa não é um jôgo decorativo, mas antes uma necessidade humana). O povo

é sempre sîngelo e racional: não tem preocupações de estética, de tradição, de moral, de arte. Todavia, os freios e os limites de sua exuberância, de suas virtudes, de seu senso de arte, agem espontâneamente, por um impulso atávico, por espírito tradicionalista inconsciente, que se manifestam fora e além de toda premeditação, de todo programa, de toda preocupação espetacular. O povo que trabalha não tem a mania fetichista da febrilidade, da corrida com o tempo e com o espaço. Não quer êle cousas inutilmente complicadas, mas implementes simples, que aderem à vida. O povo é preocu-

pado pela necessidade de ter uma casa e é bem longe da mentalidade dos ricos que sonham com uma casa burguesa, repleta de europeis e de "peças raras". Ordeiro e sadio, o povo respeita com completa avaliação da vida os limites da eternidade e da dimensão, e após o trabalho, saborea a intimidade de sua casa, construída dia após dia, pedra sôbre pedra com grandes sacrifícios. O povo necessita da casa fornecida mas não "decorada" num sentido retórico. Não quer uma sala para exibições várias, mas quatro paredes amigas: na casa êle procura o repouso, a serenidade.



A casa



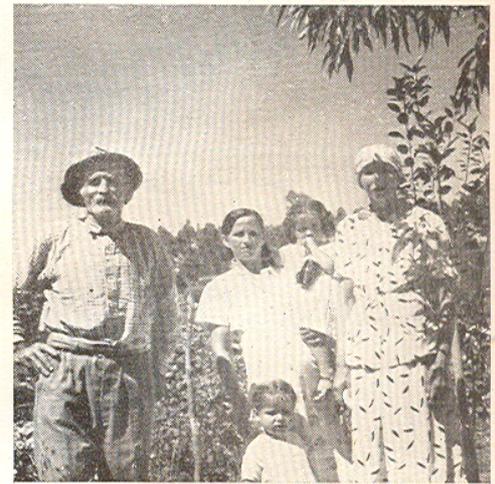
O lavatório

## Casa de 7 mil cruzeiros

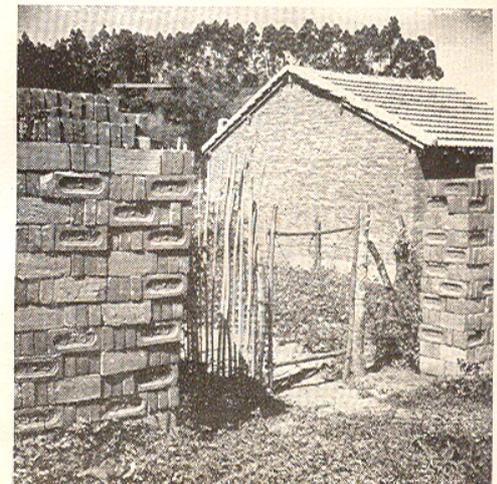
Fomos visitar uma mulher, que trabalhava numa olaria perto de Em'boy para constatar como essa pessoa do povo tivesse sido por necessidade ao mesmo tempo: arquiteto, proprietária, jardineira, pintora, e quantas outras cousas precisem para realizar uma bela casa. Eis a casa que fotografamos em seus aspectos principais, com tôda serenidade e confessamos, com muita comoção. A senhora de Em'boy construiu sua casa com sete mil cruzeiros. E' tôda em tijolos, que ela mesma fabricou, deixados à vista, as janelas foram escolhidas de uma obra em demolição, as telhas foram compradas a prestação, assim como o pequeno terreno cercado por um canavial. Para o interno cujas paredes são também de tijolos à vista, essa senhora fez móveis de madeira tósca, usando tábuas de caixotes: uma maravilha de proporções, e o gôsto natural da gente do campo fortemente contribuiu para aconselhar beleza, racionalidade e inteligência. A pintura, verde ervilha muito claro, é de vez em quando alegrada por uma simples decoração de fôlhas, harmoniosamente dispostas. Visitamos nossa amiga uma manhã de domingo, acompanhados por Cassio, o pintor do folclore de Em'boy: ela estava com seus parentes, todos cuidadosamente

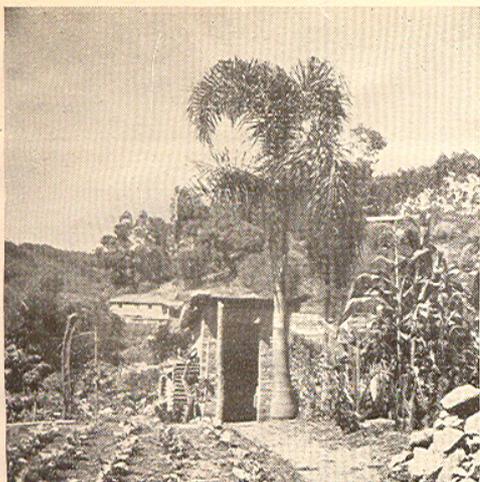
vestidos como é o uso dos camponêses nos dias de festa; as crianças bem penteadas, corriam alegres, no jardim e na horta. Nossa anfitriã nos mostrou seu trabalho com natureza, com a modéstia própria de quem opera bem e com consciência. Passamos assim do pequeno terraço enfeitado com gerânio e hortências, à cozinha que é ao mesmo tempo sala de estar. Observamos toalhinhas bordadas sob laias de conserva pintadas, e imagens sacras em pequenas molduras que foram encontradas quem sabe onde, e tudo nos se afigurava arrumado, preciso, bem medido, certo, no próprio lugar. Em seguida a senhora nos mostrou seu dormitório: a cama era uma maca e havia uma mala pendurada à parede, sôbre a mesma; em cima da cômoda estavam dispostos os objetos para a toilette primitiva da senhora; um pequeno tapete no chão; uma cortina à janela e outra que servia de porta.

Saímos para ver a horta, as flôres do jardim, o pequeno córrego que beira o terreno. Eis a casa de sete mil cruzeiros; e eis um abraço em nome das pessoas que acreditam na humanidade dessa mulher do povo, uma das tantas anônimas que colocamos ao lugar de honra, como uma simpaticíssima dama.

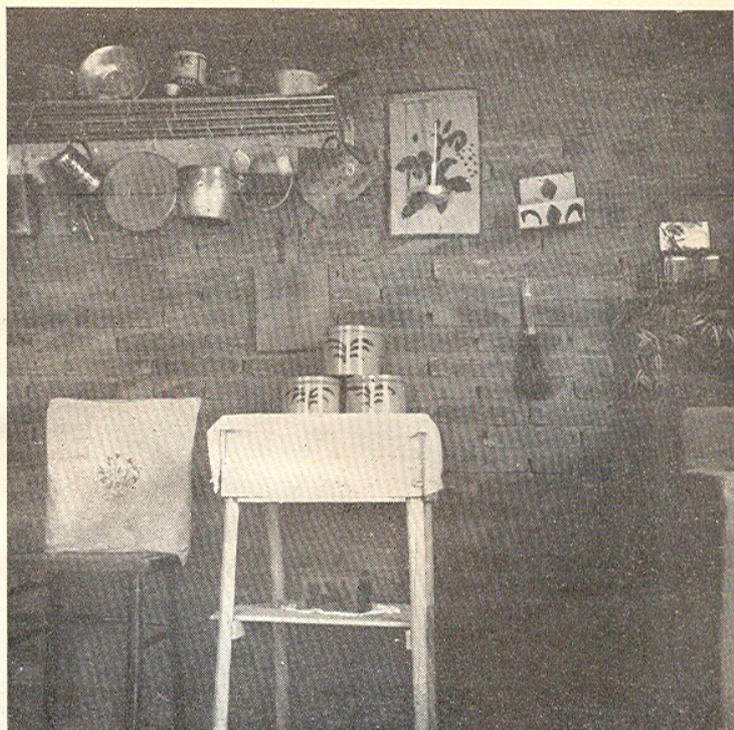


A simpática família que nela reside

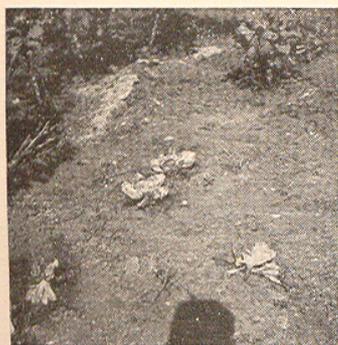
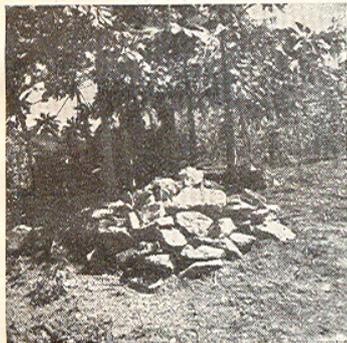




O w. c.



Interior do living com os objetos pintados pela senhora



Em cima, da esquerda à direita: poço; as pedras para fazer o jardim; as quatro couve-flores à espera de serem colhidas; o adubo.



A casa tem até um pequeno embarcadouro sôbre o rio, do qual se tira também a água

A provisão de tijolos



Um amigo da casa



Outro amigo da casa

